

4 Libertando-se do passado

*Só um fantasma se apega a seu passado,
explicando-se com autodefinições baseadas
numa vida já vivida. Você é aquilo que escolhe
ser hoje, não o que escolheu antes.*



QUEM É VOCÊ? Como se autodescreve? Para responder a essas duas perguntas, muito provavelmente terá que recorrer a sua própria história, a um passado que já foi vivido, mas ao qual você está sem dúvida atado e de onde acha difícil escapar. Quais são suas autodefinições? São elas simples etiquetas que você acumulou a vida inteira? Você tem uma gaveta cheia de autodefinições que usa regularmente? Entre elas, podem estar rótulos como: sou nervoso, tímido, preguiçoso, não tenho musicalidade, sou desajeitado, esqueço tudo, e mais uma série de outros "eu sou" que você usa. Provavelmente, há também uma porção de rótulos positivos de "eu sou", como: sou amoroso, bom no *bridge*, gentil. Esses não serão tratados aqui, uma vez que o propósito deste capítulo é ajudar você a crescer, em lugar de aplaudi-lo pelas áreas de sua vida em que você opera com eficiência.

As autodefinições, em si mesmas, não são inadequadas, mas podem ser usadas de maneira perniciosa. O próprio ato de rotular-se pode ser um impedimento específico ao crescimento. É cômodo usar o rótulo como uma justificativa para permanecer o mesmo. Sören Kierkegaard escreveu: "Uma vez que você me rotula, está me negando." Quando o indivíduo precisa corresponder ao rótulo, o "eu" deixa de existir. O mesmo acontece em relação aos rótulos autoimpostos. Você pode estar se negando por se identificar com suas marcas registradas, em vez de fazê-lo com seu potencial de desenvolvimento.

Todos os rótulos autoimpostos derivam da história do indivíduo. Mas o passado, como Carl Sandburg disse em *Prairie*, "é um balde cheio de cinzas".

Avalie-se quanto à extensão em que está acorrentado a seu passado. Todos os autodestruidores "eu sou" são resultado do uso destas quatro sentenças neuróticas:

1. "Eu sou assim."
2. "Sempre fui assim."
3. "Não posso evitar isso."
4. "Esta é a minha natureza."

Aí estão eles, num pacote único. São eles os ligamentos que o impedem de crescer, de mudar, de tornar sua vida (a partir deste momento – que é toda a vida de que você dispõe) nova, excitante e cheia de satisfação.

Conheço uma avó que, todos os domingos, ao receber a família para jantar, decide exatamente quanto cada pessoa vai comer, enchendo os pratos conforme especificações que ela própria estabelece. A cada pessoa ela dá duas fatias de carne, uma colherada de ervilhas, uma porção de batatas, e assim por diante. Quando

lhe perguntam: "Por que a senhora faz isso?", ela responde: "Oh, sempre fiz assim." Por quê? "É desse jeito que eu sou." A razão da vovó para seu comportamento é como se rotulou em um passado em que sempre agiu dessa maneira.

Algumas pessoas usarão, de fato, todas as quatro sentenças de uma vez só, quando confrontadas com seus comportamentos. Você pode perguntar a uma pessoa por que ela sempre se aborrece quando se fala sobre acidentes, e ela provavelmente responderá: "Oh, é assim que eu sou. Sempre fui assim. Realmente não posso evitar isso, essa é a minha natureza." Poxa! Todas as quatro de uma vez, e cada uma sendo usada como uma explicação da razão pela qual ela nunca será diferente e nem mesmo considerará a possibilidade de mudar.

Os seus "eu sou" que descrevem um comportamento autoanulador podem recuar até algo que você aprendeu no passado. E cada vez que você usa uma dessas quatro sentenças, está realmente dizendo: "E pretendo continuar sendo do jeito que sempre fui."

Você pode começar a desfazer as cordas que o prendem a seu passado e eliminar as sentenças estéreis, que são usadas para manter você exatamente como sempre foi.

Aqui está uma relação típica das variações de "eu sou" que podem estar incluídas em seu autorretrato

Eu sou tímido	Eu sou péssima cozinheira	Eu sou gordo
Eu sou preguiçoso	Eu soletro mal	Eu sou pouco musical
Eu sou inseguro	Eu sou facilmente fatigável	Eu não sou atlético
Eu sou medroso	Eu sou doentia	Eu sou desleixada
Eu sou desajeitado	Eu sou inútil	Eu sou teimosa
Eu sou ansioso	Eu sou sujeita a acidentes	Eu sou imaturo
Eu sou esquecido	Eu me derreto fácil	Eu sou metódico

Eu não tenho jeito	Eu sou hostil	Eu sou descuidada
para mecânica	Eu sou solene	Eu sou vingativo
Eu sou ruim	Eu sou apática	Eu sou irresponsável
em matemática	Eu sou fácil de bater	Eu sou nervosa
Eu sou solitário	Eu sou frígida	

É provável que você apareça aí várias vezes, ou talvez esteja organizando sua própria lista. O problema não está nos rótulos que você escolhe, mas em escolher rotular-se de alguma maneira. Se você está genuinamente satisfeito com qualquer um dos "eu sou", então deixe que eles continuem, mas se é capaz de admitir que algum desses ou outros "eu sou" atrapalham o seu caminho, é hora de fazer algumas mudanças. Vamos começar pela compreensão das origens dos "eu sou".

As pessoas querem rotular você, classificá-lo em pequenas categorias distintas. Fica mais fácil assim. D. H. Lawrence viu a loucura desse processo de rotulação em seu poema *What is He?*¹

O que é ele?

— Um homem, é claro.

Sim, mas o que ele faz?

— Vive e é um homem.

Oh, muito bem! Mas deve trabalhar, ter uma ocupação qualquer.

— Por quê?

Porque claramente não é alguém das classes privilegiadas.

— Não sei. Tem muitas horas de lazer. E faz cadeiras muito bonitas.

Aí está! Ele é um marceneiro.

— Não, não!

Seja lá como for, um carpinteiro e marceneiro.

— De modo nenhum.

Mas você disse isso.

— O que foi que eu disse?

Que ele fazia cadeiras e era um marceneiro e carpinteiro.

— Eu disse que ele fazia cadeiras, mas não disse que ele era um carpinteiro.

Então está certo, ele é apenas um amador?

— Talvez! Você diria que um tordo é um flautista profissional, ou apenas um amador?

Diria que é apenas um pássaro.

— E eu digo que ele é apenas um homem.

Está bem! Você sempre foi evasivo.

Como é que esses "eu sou" começaram

Os antecedentes dos seus "Eu sou" enquadram-se em duas categorias. O primeiro tipo de rótulos vem de outras pessoas. Foram incutidos em você quando era criança e você os carrega até hoje. Os outros rótulos são o resultado de uma escolha feita por você, para se proteger da obrigação de cumprir tarefas desconfortáveis ou difíceis.

A primeira categoria é, sem comparação, a que prevalece. A pequenina Hope cursa o segundo ano do ensino fundamental. Vai para a aula de artes todos os dias, cheia de alegria por usar cores e mexer com tintas. Seu professor lhe diz que, na verdade, ela não tem muito talento para aquilo e ela começa a faltar, porque não gosta de ser desaprovada. Não se passa muito tempo e ela já tem o começo de um "Eu sou". Eu não sou boa em artes. Com uma boa dose de comportamento de repulsa, ela reforça esse conceito, e, depois de adulta, quando lhe perguntam por que é que não desenha, diz: "Oh, não sou boa nisso. Sempre fui assim." A maior par-

1 *The Complete Poems of D. H. Lawrence*, vol. 1, editado por Vivian de Sola Pinto e E. Warren Roberts, The Viking Press Inc., 1929. (N. da T.)

te dos "eu sou" são sobras, resquícios de uma época em que você ouvia frases como: "Ele é desajeitado; o irmão é bom nos esportes, mas ele é o estudioso." Ou: "Você é igualzinho a mim. Também nunca fui bom em soletrar." Ou: "Billy sempre foi o tímido." Ou: "Ela é exatamente como o pai; incapaz de cantar sem desafinar." Esses são os ritos do nascimento dos "Eu sou" que jamais foram desafiados. Eles são aceitos simplesmente como uma condição da vida.

Converse com as pessoas da sua vida que lhe parecem as maiores responsáveis por muitos dos seus "Eu sou" (pais, velhos amigos da família, antigos professores, avós etc.). Pergunte-lhes como eles acham que você ficou sendo como é e se sempre foi assim. Diga-lhes que está decidido a modificar-se e veja se acreditam que seja capaz disso. Você vai ficar surpreso diante das interpretações deles e de como acham que você não pode ser nada diferente, uma vez que "sempre foi assim".

A segunda categoria dos "Eu sou" origina-se nesses rótulos convenientes que você aprendeu a colocar em si próprio, a fim de evitar as atividades desagradáveis. Trabalhei com um cliente que tem 46 anos e deseja muito cursar uma faculdade, uma vez que perdeu sua oportunidade de fazê-lo quando jovem. Mas Horace sente-se ameaçado com a perspectiva de entrar em competição acadêmica com gente jovem, recém-saída da escola. O medo do fracasso e a dúvida quanto a suas capacidades intelectuais o assustam. Ele sempre examina os catálogos das universidades, e com o auxílio que recebe do serviço de orientação educacional, já prestou os exames de admissão adequados e conseguiu uma entrevista com um funcionário encarregado das admissões em uma faculdade local. Mas ainda usa os seus "Eu sou" para se esquivar de realmente fazer um curso, justificando sua inércia com: "Sou velho demais, não sou bastante vivo e, na realidade, não estou interessado."

Horace usa os seus "Eu sou" para evitar algo que genuinamente deseja. Um colega meu os usa para fugir às tarefas de que não gosta. Ele evita ter que consertar a campainha da porta, ou o rádio, ou qualquer atividade manual desagradável dizendo simplesmente à esposa: "Bem, querida, você sabe, acontece que não tenho jeito para mecânica." Esses tipos de "Eu sou" representam comportamentos de adaptação, mas não deixam de ser também desculpas. Em vez de dizer: "Eu acho esse tipo de atividade chata e sem interesse e não quero me ocupar com isso agora" (o que é perfeitamente lógico e sadio), torna-se mais fácil simplesmente desencavar um "Eu sou".

Nesses casos, os indivíduos estão declarando algo sobre si próprios. Estão afirmando: "Nesse terreno sou um produto acabado, e nunca vou ser diferente." Se você é um produto acabado, embrulhado e guardado, então parou de crescer, e embora queira muito apegar-se a alguns "Eu sou", pode descobrir que outros são simplesmente limitativos e autodestruidores.

Segue-se uma lista de alguns rótulos que são relíquias do passado. Se você se enquadra em alguns deles, talvez fique feliz em mudá-los. Permanecer exatamente como é, em qualquer campo, corresponde a tomar uma das mortais decisões descritas no capítulo 1. Lembre-se de que esta não é uma discussão sobre o que você simplesmente não aprecia, mas um exame do comportamento que o afasta das atividades nas quais você talvez encontre uma grande dose de prazer e estímulo.

Dez categorias típicas de "Eu sou" e seus neuróticos dividendos

1. "Eu sou ruim em matemática, ortografia, leitura, línguas etc."

Com essa afirmação, você garante que não fará o esforço necessário para mudar. O "Eu sou" acadêmico tem em vista manter você afastado de ter que fazer o penoso trabalho exigido para dominar o assunto que, tradicionalmente, você considera difícil ou maçante. Enquanto você se rotular assim, terá uma excelente razão para evitar enfrentar a tarefa.

2. "Eu sou péssimo em determinadas habilidades, tais como cozinhar, praticar esportes, fazer crochê, desenhar, representar etc."

Com essa afirmação, você assegura que não fará nenhuma dessas coisas no futuro e justifica qualquer mau desempenho no passado. "Sempre fui assim; essa é a minha natureza." Essa atitude reforça a sua inércia e, mais importante, ajuda você a apegar-se à noção absurda de que não deverá fazer coisa alguma, a menos que a faça muito bem. Assim, a não ser que você seja o campeão do mundo, evitar é melhor do que fazer.

3. "Eu sou tímido, reservado, temperamental, nervoso, medroso etc."

O apelo desses "Eu sou" é feito à genética. Em vez de desafiá-los e ao pensamento autodestruidor que os apoia, você simplesmente os aceita, como uma confirmação da maneira que sempre foi a sua. Você pode, também, culpar os seus pais e usá-los como a razão para seu atual "Eu sou". Você os transforma na causa e não tem que trabalhar para ser diferente. Escolhe esse comportamento como um modo de evitar uma atitude afirmativa em situações que sempre pareceram problemáticas a você. Esse "Eu sou" é um resíduo da infância, quando outros tinham um profundo interesse em fazer você acreditar que era incapaz de pensar por si próprio. Esses são os "Eu sou" de personalidade, são

autodefinições que ajudam você a evitar a façanha difícil de ser diferente daquilo que sempre foi. Simplesmente, você define sua personalidade com um "Eu sou" conveniente e pode agora desculpar todos os tipos de comportamento autoanuladores, declarando-os fora de seu controle. Nega a noção de que pode escolher sua própria personalidade, e, em vez disso, se apoia em sua infelicidade genética para explicar todos os demais traços de personalidade que gostaria de negar.

4. "Eu sou desajeitado, sem coordenação etc."

Esses "Eu sou" que você aprendeu quando criança o capacitam a evitar o ridículo em potencial que poderia ter que enfrentar por não ser fisicamente tão capaz quanto os outros. Sua falta de habilidade, naturalmente, decorre do antecedente histórico de acreditar em tais "Eu sou" e, assim, evitar a atividade física, e não de algum defeito inerente a você. Você melhora naquilo que pratica, não naquilo que evita. Mantenha o seu "Eu sou" e permanecerá à margem, observando e desejando, mas fazendo de conta que você realmente não gosta desse tipo de coisa.

5. "Eu sou sem atrativos, feio, ossudo, sem graça, alto demais etc."

Esses "Eu sou" fisiológicos são úteis para mantê-lo distante de assumir compromissos com o sexo oposto e para justificar a autoimagem pobre e a falta de amor que escolheu para si. Enquanto você se descrever dessa forma, tem uma desculpa pronta para não se expor numa relação amorosa. E também não precisa ter trabalho de fazer-se atraente a seus próprios olhos. Usa seu espelho como uma justificativa para não se arriscar. Só existe um problema: vemos exatamente aquilo que escolhemos ver – mesmo no espelho.

6. "Eu sou desorganizado, meticuloso, desleixado etc."
Esses "Eu sou" de comportamento são convenientes para a manipulação das outras pessoas e para justificar a razão pela qual tudo deve ser feito de determinada maneira. Sempre fiz isso assim. Como se a tradição fosse uma razão para se fazer qualquer coisa. E sempre farei isso dessa forma, é a mensagem não declarada. Pelo fato de repousar na maneira pela qual sempre fez tudo, você jamais terá que considerar a arriscada ideia de mudar suas atitudes e pode, simultaneamente, assegurar-se de que todos à sua volta vão igualmente fazer tudo da forma que você faz. Esse é o "Eu sou" que se apoia na "política" como um substituto para o raciocínio.
7. "Eu sou esquecido, descuidado, irresponsável, apático etc."
Essas afirmações são especialmente úteis quando você deseja se justificar por algum comportamento ineficiente. O "Eu sou" o dispensa de jamais se preocupar com suas lembranças ou com seus descuidos, e você simplesmente se desculpa com o seu simples e fácil: "Eu sou assim." Enquanto você for capaz de arranjar esse "Eu sou" quando se comportar de alguma dessas maneiras, nunca precisará ter o trabalho de mudar. Continue esquecido e recordando a si próprio que de fato não pode evitar isso, e assim sempre se esquecerá de tudo.
8. "Eu sou italiano, alemão, judeu, irlandês, negro, chinês etc."
Esses são os seus "Eu sou" étnicos, e eles funcionam muito bem quando você se vê sem outras razões para explicar alguns de seus comportamentos, que não o ajudam, mas que são difíceis demais de controlar. Sempre que você se vê comportando-se de forma estereotipada, associada a seu substrato cultural, você se volta para o seu "eu sou" étnico

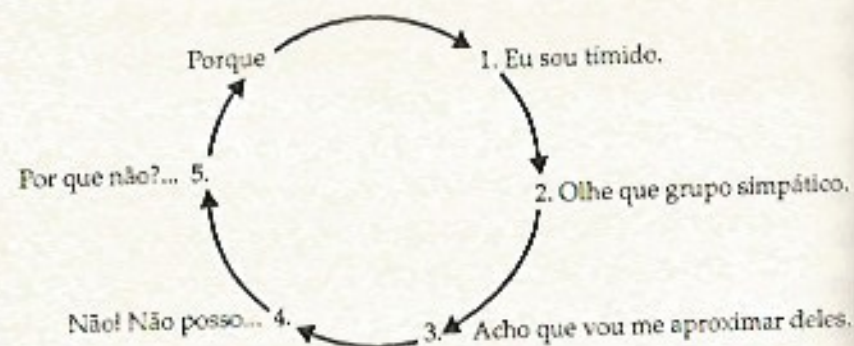
como uma justificativa. Uma vez perguntei a um *maître-d'hôtel* por que ele se excitava tão facilmente e reagia ao menor problema com explosões indignadas, e ele respondeu: "O que você espera de mim? Sou italiano. Não posso evitar isso."

9. "Eu sou mandão, atrevido, autoritário etc."
Aqui o seu "Eu sou" lhe permitirá continuar com seus atos hostis, em vez de contribuir para que desenvolva sua auto-disciplina. Você disfarça o comportamento com: "Não posso evitar, sempre fui assim."
10. "Eu sou velho, de meia-idade, cansado etc."
Com esse "Eu sou" você pode usar sua idade como uma razão para não participar de atividades que poderiam ser arriscadas ou perigosas. Sempre que você estiver diante de uma atividade tal como um acontecimento esportivo, um encontro após um divórcio ou a morte de um cônjuge, uma viagem, ou algo assim, pode dizer apenas "Eu sou velho demais" e terá eliminado quaisquer riscos consequentes à tentativa de fazer algo novo que contribua para o seu desenvolvimento. A conclusão ligada a um "eu sou" de idade é a de que você está inteiramente acabado nessa área e, uma vez que ficará cada dia mais velho, está acabado em matéria de crescimento e de experiência em qualquer coisa nova.

O círculo do "Eu sou"

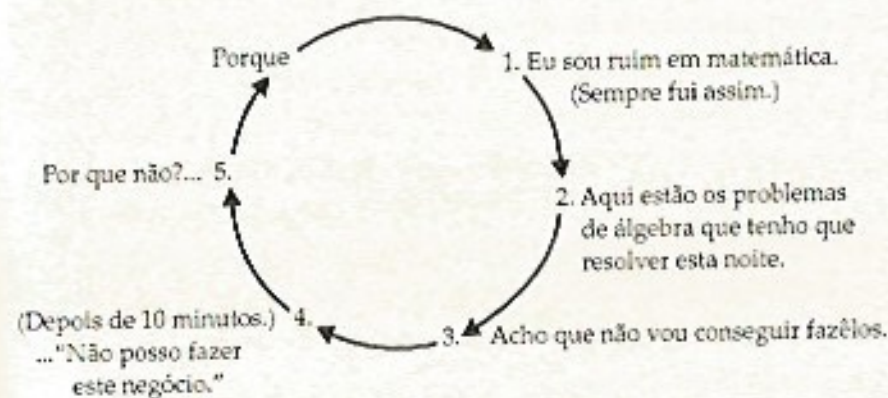
As recompensas pelo apego ao passado através da hábil alegação de seus "Eu sou" podem ser concisamente resumidas em uma palavra: fuga. Toda vez que você desejar escapar de certo tipo de atividade ou explicar um defeito de personalidade, pode

sempre justificar-se com um "Eu sou". De fato, depois que você usa bastante esses rótulos, você mesmo começa a acreditar neles, e nesse momento se transforma num produto acabado, destinado a permanecer como está pelo resto de seus dias. Os rótulos o capacitam a evitar o trabalho difícil e o risco de tentar mudar. Perpetuam o comportamento que os originou. Assim, se um jovem vai para uma festa com a convicção de que é tímido, irá comportar-se como se fosse tímido e seu comportamento apolará mais ainda a imagem que faz de si próprio. É um círculo vicioso.



E aí está. Em vez de intervir entre os pontos 3 e 4 do círculo, ele simplesmente desculpa seu comportamento com um "Eu sou" e a iminente decisão arriscada que é necessária para sair da armadilha é habilmente evitada. Pode haver muitas razões para a timidez do jovem, algumas delas provavelmente vêm desde a sua infância. Sejam quais forem as causas de seu medo, ele decidiu que não irá lutar com seu constrangimento social, mas que o justificará com um simples "eu sou". Seu medo de fracassar é bastante forte para impedi-lo de tentar. Se ele pudesse acreditar no momento que está vivendo e em sua capacidade de escolher, sua frase passaria de "Eu sou tímido" para "Até agora tenho me comportado de maneira tímida".

O círculo vicioso da timidez pode ser aplicado praticamente a todos os "Eu sou" de autodesprezo. Considere o círculo de um estudante que acredita ser mau aluno de matemática, enquanto ele faz em casa seus deveres de álgebra:



Em vez de parar entre 3 e 4, dedicar mais algum tempo ao problema, consultar um orientador, ou lutar com a dificuldade, ele simplesmente para. Quando lhe perguntam por que foi reprovado em álgebra, ele diz: "Sempre fui péssimo em matemática." Esses "Eu sou" infernais são os argumentos que você apresenta para desculpar-se a si próprio e para explicar aos outros por que persiste num padrão de autodestruição.

Você pode olhar para seu próprio círculo de lógica neurótica e começar a desafiar qualquer aspecto de sua vida em que escolheu ser um produto acabado. A principal razão número um para apegar-se a seu passado e se esconder nos seus "Eu sou" é a rejeição à mudança. Cada vez que usar um "eu sou" para explicar um comportamento de que não gosta, pense em si mesmo como um produto acabado.

Certamente é mais fácil descrever a si próprio do que mudar. Talvez você atribua as razões de seus rótulos a seus pais, ou

a outros adultos que tiveram importância em sua infância, como seus professores, vizinhos e avós. Ao lhes dar a responsabilidade pelo seu "Eu sou" de hoje, você lhes está dando um poder de controle sobre a vida que vive agora, elevando-os a uma posição mais alta do que a sua e criando habilmente um alibi para manter-se em sua condição de ineficiência. Uma "razão" bem urdida e que lhe fornece uma garantia contra a aceitação de riscos. Se é culpa da "cultura" que você tenha esse "Eu sou", não há nada que possa fazer a respeito.

Algumas estratégias para libertar-se do passado e eliminar os incômodos "Eu sou"

Deixar o passado para trás envolve assumir riscos. Você se acostumou a suas autodefinições e em muitos casos elas funcionam como um sistema de apoio em sua vida diária. Algumas estratégias específicas para eliminação desses "Eu sou" incluem:

- Eliminar o "Eu sou" sempre que puder. Substituí-lo por frases como: "Até aqui escolhi ser assim" ou "Eu costumava me rotular..."
- Comunicar àqueles que o cercam que você vai procurar eliminar alguns de seus "Eu sou". Decida quais são os que deve eliminar e peça a essas pessoas para chamarem sua atenção sempre que você recorrer a eles.
- Estabelecer metas de comportamento, visando agir de maneira diferente da que sempre agiu. Por exemplo, se você se considera tímido, apresente-se a uma pessoa que você costuma evitar.
- Falar com alguém em quem confia e que o ajudará a combater os poderes do passado. Peça-lhe que, silenciosamente, o

avise, coçando a própria orelha, cada vez que notar que você está voltando ao uso de seus "Eu sou".

- Manter um registro de seu comportamento de "Eu sou" autodestrutivo e anotar suas ações e a maneira pela qual se sente a respeito de si mesmo, quando se comporta assim. Por uma semana, registre em um livro de notas a hora exata, a data e a ocasião em que usou qualquer um dos autodestruidores "Eu sou" e esforce-se para reduzir o número de registros. Use a lista fornecida no início deste capítulo como um guia para o seu registro diário.
- Ficar atento às quatro frases neuróticas e, sempre que perceber que as está usando, corrija-se *em voz alta*, da seguinte maneira: mude "Eu sou assim" ... para... "Eu era assim". "Não posso evitar isso" ... para... "Posso mudar isso, se me esforçar". "Sempre fui assim" ... para... "Vou ser diferente". "Esta é a minha natureza" ... para... "Eu pensava que essa fosse a minha natureza".
- Tentar esforçar-se, a cada dia, para eliminar um "Eu sou" por vez. Se você usou o "Eu sou" esquecido, como uma autodefinição, dedique a segunda-feira para trabalhar especialmente no sentido de ficar atento a essa tendência, vendo se consegue alterar um ou dois comportamentos de esquecimento. Da mesma forma, se não lhe agrada seu "Eu sou" teimoso, reserve-se um dia para ser tolerante com as opiniões contrárias, e veja se pode se libertar de alguns "Eu sou" um dia de cada vez.
- Interromper seu próprio "Círculo de 'Eu Sou'" entre os pontos 3 e 4 e resolver jogar fora essas antigas desculpas para a fuga.
- Encontrar alguma coisa que você nunca fez e destinar uma tarde a essa atividade. Depois de passar três horas mergulhando

lhado numa atividade totalmente nova, uma que você tenha evitado no passado, veja se ainda pode usar o mesmo "Eu sou" que empregara pela manhã.

Todos os seus "Eu sou" são padrões de fuga aprendidos e você pode aprender a ser quase qualquer coisa, se escolher fazer isso.

Algumas considerações finais

Não existe isso que se denomina natureza humana. A frase foi elaborada para classificar as pessoas e para criar desculpas. Você é o resultado da soma de suas escolhas e cada "Eu sou" que você usa poderia ser rotulado de novo como "Eu escolhi ser". Volte às perguntas iniciais deste capítulo: "Quem é você?" e "Como você se descreve?" Pense em alguns deliciosos novos rótulos que de forma alguma se relacionem com as escolhas que outros tenham feito para você, ou com as que você fez até agora. Esses velhos rótulos cansativos podem estar impedindo você de viver sua vida tão plenamente quanto poderia.

Lembre-se do que Merlin disse sobre aprender:

O melhor a fazer quando se está triste – respondeu Merlin, começando a arquejar – é aprender algo. Essa é a única coisa que não falha nunca. Você pode ficar velho e trêmulo de corpo, pode ficar acordado de noite, escutando a desordem de suas veias, pode perder seu único amor, pode ver o mundo a sua volta devastado por lunáticos perigosos, ou saber que sua honra está sendo espezinhada nos esgotos das mentes mais abjetas. Só há uma coisa a fazer então: aprender. Aprender por que o mundo se agita e o que o agita. Essa é a única coisa que a mente nunca pode exaurir, alienar, pela qual jamais pode ser torturada, que nunca precisa temer ou recuar.

que nunca poderá imaginar ter que lamentar. Aprender é o que você precisa. Observe o quanto há para aprender: ciência pura, a única pureza que existe. Você pode aprender astronomia no espaço de uma vida, história natural em três, literatura em seis. E então, depois que gastou um milhão de vidas aprendendo biologia e medicina e crítica teológica e geografia e história e economia, ora, você pode começar a fazer uma carroça da madeira apropriada, ou gastar cinquenta anos aprendendo a começar a aprender a vencer seu adversário na esgrima. Depois disso você pode começar de novo em matemática, até que chegue a hora de aprender a arar.

Qualquer "Eu sou" que o impede de crescer é um demônio que deve ser exorcizado. Se você precisa ter um "Eu sou", experimente este: "Eu sou um 'eu sou' exorcista – e gosto disso."